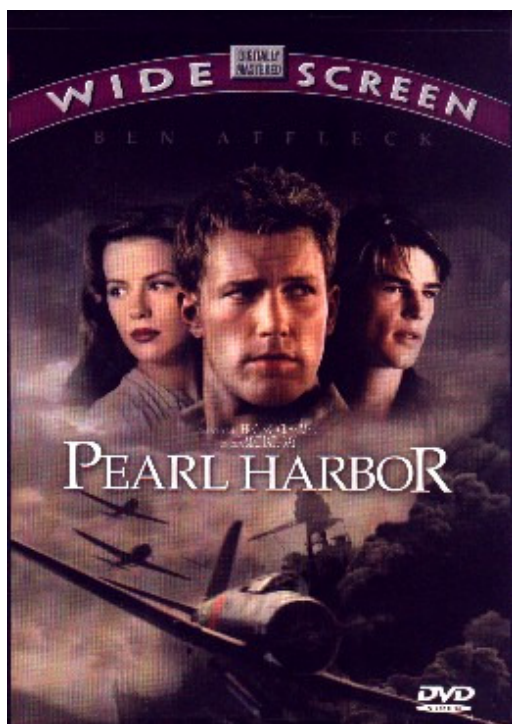


PEARL HARBOR



Dois amigos de infância tornam-se pilotos do Exército americano no início da 2ª Guerra Mundial, com os EUA ainda neutros. Um deles, Rafe McCawley (Affleck), decide ser voluntário na RAF e parte para a guerra, onde é dado como desaparecido em combate. Enquanto isso, o seu amigo Danny (Hartnett) se apaixona pela namorada dele, Evelyn (Beckinsale). Mas, McCawley aparece vivo, criando uma situação conflituosa às vésperas do fatídico ataque japonês a Pearl Harbor.

Esta é a estória por trás de “Pearl Harbor”, um filme que tinha a pretensão de ser um novo “Titanic”. Porém, como o malfadado navio, o ambicioso filme de Jerry Bruckheimer afunda em sua indefinição: ele quer ser, ao mesmo tempo, um romance, um filme de guerra, um drama épico e uma reconstituição histórica. E quase consegue, se não fosse a necessidade infantil de mostrar os americanos ganhando no final, esticando o filme desnecessariamente para mostrar o ataque de Doolittle a Tóquio (fazendo o filme durar 183 minutos!). Tivesse definido melhor a linha a adotar e o resultado seria muito melhor.

Mas não param aí as deficiências dessa obra. Há um evidente esforço em mostrar uma juventude americana ingênua (Ben Affleck chega quase a nos convencer de que é virgem), mas a cena dos dois marinheiros no andaime olhando placidamente para um torpedo vindo na sua direção é por demais patética. As cenas dos japoneses, que refletiram um esforço para “mostrar os dois lados” (para que?) poderiam ter sido tiradas de “Tora! Tora! Tora!”. Os mesmos gestos robóticos e manjados dos japoneses, sem acrescentar nada. Perda de tempo. Para arrematar, os criadores desse filme fugiram das aulas de Física, com aviões voando baixo demais (não teriam sustentação para isso) e água saindo de furos nos cascos de navios emborcados, violando a Lei dos Vasos Comunicantes.

Por fim, são os quesitos técnicos que fazem de Pearl Harbor um grande filme. A belíssima fotografia e os efeitos especiais, centrados nas cenas do ataque, são de tirar o fôlego. Salvam-se ainda Jon Voight, interpretando o Presidente Roosevelt, e a precisão dos eventos dos bastidores do ataque (que já havíamos visto em “Tora! Tora! Tora!”).

Enfim, o ideal é você pegar as cenas do ataque a Pearl Harbor, colocar um rock “pauleira” no fundo e fazer um clipe. Vai ficar muito legal...

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “Pearl Harbor”.

Elenco: Ben Affleck, Josh Hartnett, Kate Beckinsale, Cuba Gooding Jr., Jon Voight, Alec Baldwin, Tom Sizemore e Dan Akroyd.

Diretor: Michael Bay.

Ano: 2001.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- O filme recebeu o prêmio de Melhores Efeitos Sonoros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood (teve outras três indicações: Melhores Efeitos Especiais, Melhor Som e Melhor Canção Original (“There You'll Be”). Recebeu ainda duas indicações ao Globo de Ouro (Trilha Sonora e Canção Original (“There you'll be”)).
- O filme recebeu nada menos que seis merecidas indicações para o “Framboesa de Ouro” (se você não sabe, é um prêmio de chacota, para destacar os piores do ano): Pior Filme, Pior Diretor, Pior Ator (Ben Affleck), Pior Dupla (Ben Affleck e Kate Beckinsale), Pior Roteiro e Pior Remake ou Sequência.
- Os produtores reuniram uma pequena força aérea para realizar esse filme: 4 P-40, 3 Zeros, 3 Kates, 3 Vals, 1 T-28, 1 B-25 e 1 helicóptero com plataforma de câmera.
- Alguns atores tiveram treinamento militar para fazer o filme (sabe lá Deus para quê!), incluindo Ben Affleck, Josh Hartnett e Alec Baldwin.
- A intenção original dos produtores era que as personagens principais fossem interpretadas por Ben Affleck, Matt Damon e Gwyneth Paltrow. Porém, como a presença destes três atores aumentaria muito o orçamento do filme, decidiu-se manter apenas Ben Affleck e contratar dois atores menos conhecidos. E contrataram Tom Sizemore e Dan Akroyd para fazer pontas!
- O porta-aviões real usado para ser o Hornet foi o USS Constellation. E o B-25 decolou realmente de sua pista.
- O orçamento de *Pearl Harbor* foi de US\$ 135 milhões.

FUROS:

- Algumas fragatas do pós-guerra aparecem várias vezes no filme (explodindo, inclusive!).

- Logo no início do filme, aparecem cenas reais que deveriam ser da conquista da França pelos alemães em 1940, mas o tanque que aparece é um Pershing americano!
- McCawley (Affleck) ensinando a seus colegas como abater Zeros? Bull Shit! Os americanos ainda não conheciam o Zero e, em geral, subestimavam os aviões japoneses.
- A dublagem até que não foi ruim, mas as legendas deixaram furo: "Task Force" (Força-Tarefa) virou "nossas tropas". Ai, ai, ai...
- O biplano que aparece durante a infância de nossos heróis é um Boeing Stearman, avião de treinamento militar dos anos 30 e 40 que ainda não existia na ocasião e que só passou a ser disponibilizado para o mercado civil após a 2ª Guerra Mundial.
- McCawley (Affleck) não poderia ser voluntário para servir em uma unidade da RAF sendo um militar da ativa dos EUA. Ele teria que passar para a reserva, ir para o Canadá e lá se voluntariar. Além disso, a RAF organizou esquadrões exclusivamente com voluntários americanos (esquadrões "Águia"), mas, no filme, McCawley parece estar voando num esquadrão britânico.
- Na cena em que aparece o transatlântico "Queen Mary", ele é apresentado pintado em suas cores clássicas de branco, preto e vermelho. No entanto, em 1941, ele havia sido pintado de cinza para ser usado como transporte de tropas.
- Pilotos de caça não tem treinamento para pilotar os bombardeiros B-25 usados na missão Doolittle. Principalmente em se tratando de uma missão arriscadíssima e que exigiria pilotos muito experientes.
- A cena que mostra as transmissões de rádio dos bombardeiros B-25 chegando ao Havai foi completamente absurda, pois isso era tecnicamente impossível em 1942.
- As tripulações dos B-25 usavam jaquetas com inscrições em chinês, dizendo que eram americanos e que precisavam de ajuda, para quando pousassem na China. Isso não é retratado no filme.